

adequado da epífise femural. Durante o procedimento cirúrgico, o animal, sob anestesia geral, foi posicionado em decúbito lateral e, após a realização de anti-sepsia, o acesso à região da fratura foi realizado segundo Hance e Bramlage, pela articulação fêmur-tibial. A técnica de colocação dos pinos foi realizada segundo Stashak, por meio de uma incisão na altura do ligamento patelar medial aproveitando-se a tração destes, os quais promoviam a luxação caudo-ventral da epífise fraturada. Utilizou-se o aparelho de Thomas modificado para a imobilização do membro durante o processo de reparação óssea. O pós-operatório constou de antibioticoterapia por 9 dias com ceftiofur na dose de 2,2 mg/kg por via intra muscular, a cada 12 horas. Após esta antibioticoterapia inicial o animal foi tratado com a associação de penicilina G potássica na dose de 20.000 UI/kg por via intravenosa a cada 6 horas e gentamicina 6.6 mg/kg por via intravenosa a cada 24 horas. Durante 10 dias o animal recebeu cimetidina 6 mg/kg a cada 8 horas por via oral, omeprazol na dose 3,0 mg/kg por via oral a cada 24 horas e acepromazina na dose de 0,01 mg/kg por via intra muscular a cada 12 horas. Foi dada especial atenção em relação à terapia anti-inflamatória, pois sabidamente os pôneis apresentam uma resposta inflamatória mais intensa quando comparado aos cavalos, consistindo então de flunixin meglumine, dimetilsulfóxido, fenilbutazona, escina e ácido acetilsalicílico, nas doses de 1,1 mg/kg por via intra muscular a cada 12 horas, 0,5 mg/kg em solução a 10% por via intravenosa a cada 24 horas, 2,2 mg/kg por via oral a cada 12 horas, 0,06 mg/kg por via intravenosa a cada 24 horas, durante 2 dias e 5 mg/kg por via oral a cada 12 horas respectivamente. No décimo dia de pós-operatório, ao retirar as bandagens para imobilização, foi verificada uma úlcera de pele próximo à incisão cirúrgica sem comprometimento da região operada. Ao final de 45 dias, após a reavaliação radiográfica foi constatada uma apropriada cicatrização óssea sendo possível realizar nova intervenção cirúrgica para retirada dos pinos. O animal teve alta 70 dias após a primeira cirurgia. Nenhuma alteração foi relatada por um período de 35 dias.

Redução de uma luxação temporomandibular em um javali (*Sus scrofa*)

1- Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia – Universidade Estadual Paulista - Campus de Botucatu – SP

Luxação é a perda parcial ou total do contato entre duas superfícies articulares. O deslocamento rostral da ATM é relativamente comum e de fácil redução em humanos, no entanto, no caso do javali, sua musculatura mandibular desenvolvida associada ao seu temperamento agressivo, torna esta tarefa difícil, sendo necessária a contenção química do animal além do relaxamento da musculatura esquelética. Este trabalho objetivou relatar o tratamento conservativo de um javali com luxação da ATM, utilizando uma técnica de tratamento conservativa descrita em medicina humana. Um javali macho, de dois anos de idade foi atendido com queixa de inapetência e incapacidade de oclusão bucal. No momento do seu atendimento, o animal foi submetido a inspeção, onde se constatou sialorréia, prognatismo, incapacidade de oclusão bucal. Para a realização do exame radiográfico da região da ATM, foi realizada anestesia dissociativa utilizando-se acepromazina [Acepran 1%: Univet] (mg/kg) i.m. e diazepam [Diazepan: União Química] (mg/kg) associados com quetamina [Vetased: Fort Dodge] (mg/kg) i.m. Por meio do exame radiográfico pode-se constatar a presença de uma luxação bilateral da ATM, identificada pelo deslocamento rostral dos côndilos mandibulares, com aumento do espaço articular. A técnica de redução utilizada foi a conservadora com material auxiliar, semelhante à técnica descrita por Lewis em humanos, onde um bastão de madeira de 2,5 cm de diâmetro por 60cm de comprimento, foi atravessado na cavidade oral do animal na superfície de oclusão dos dentes molares, perpendicularmente à mandíbula. Em seguida, a mandíbula foi forçada

Fonseca, B.P.A.¹;
Thomassian, A.¹;
Muniz, L.M.R.¹;
Nicoletti, J.L.M.¹;
Hussni, C.A.¹;
Alves, A.L.G.¹

em sentido dorsal em direção ao maxilar, ao mesmo tempo em que era tracionada caudalmente. A manobra foi repetida até a redução da luxação. Após a manobra, uma nova imagem radiográfica foi realizada, confirmando a redução da luxação, e a estabilização da articulação foi realizada com uma focinheira confeccionada com fita adesiva [Silver Tape: 3M do Brasil]. Esta focinheira foi retirada após 36 horas. O rebanho brasileiro de javalis vem aumentando significativamente, e o sistema de criação preconizado é o semi-confinamento. Neste sistema, os javalis não perdem as suas características raciais e selvagens. Com isto, os animais criados permanecerão com seu biótipo, hábitos e costumes originais. Apesar destas vantagens, este sistema predispõe os animais a acidentes e traumas, principalmente físicos. O tratamento conservativo destas lesões é preferível em animais selvagens, pois não requer um manejo intensivo após o procedimento, o que seria inviável nestes casos. A técnica descrita por Lewis (1981) para o tratamento de luxações da ATM é utilizada até os dias atuais em medicina humana e também se conhece uma técnica semelhante para cães e gatos. Neste caso, a escolha pela redução conservativa da luxação foi baseada nas características comportamentais do animal, pela imagem radiográfica da lesão e também pelo grau satisfatório de relaxamento muscular obtido por meio da anestesia empregada. O caso descrito mostra que a redução conservativa da luxação da articulação ATM em javalis pode ser realizada, e que a técnica descrita por Lewis para humanos pode ser adaptada com sucesso nessa espécie animal.

Estudo retrospectivo de fraturas do segundo e quarto metacarpianos e metatarsianos em 24 cavalos

França, R.O.¹;
Sá, P.A.²;
Moreira, M.²

1- Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária – Universidade de Brasília – DF
2- Hospital Veterinário do 1º Regimento de Cavalaria de Guardas – Brasília – DF

As fraturas dos pequenos ossos metacárpicos ou metatársicos podem ocorrer em qualquer ponto ao longo do seu comprimento. Estas fraturas têm sido classificadas em fraturas do terço proximal, do terço médio e do terço distal, aberta ou fechada, simples ou complicada. A desmíte do ligamento suspensório pode ser resultante de uma fratura dos pequenos ossos metacárpicos ou metatársicos, ou o ligamento suspensório inflamado pode provocar estas fraturas. Há uma maior incidência de desmíte do ligamento suspensório no membro torácico em associação a estas fraturas. Este estudo tem como objetivo registrar a ocorrência de fraturas dos pequenos ossos metacarpianos e metatarsianos em cavalos durante os anos de 2001 a 2003 no mesmo centro hípico. Para isso foram avaliados o tipo de fratura, osso envolvido e membro acometido. Os animais estavam sob condições de treinamento diferentes quanto à intensidade de trabalho e tipo de solo na qual era exercido o treinamento. Foram avaliados vinte e quatro animais sem raça definida, sendo treze machos e onze fêmeas, com idade de três a dezenove anos, com uma média de dez anos. Dos vinte e quatro cavalos examinados obteve-se um total de trinta e duas fraturas. Os membros torácicos foram envolvidos em vinte e nove fraturas, sendo treze fraturas no membro torácico esquerdo, dezesseis no membro torácico direito, duas no membro pélvico direito e uma no membro pélvico esquerdo. No membro torácico esquerdo ocorreram cinco fraturas no segundo metacarpiano e oito fraturas no quarto metacarpiano. No membro contra-lateral, dez fraturas envolveram o segundo metacarpiano e seis, o quarto metacarpiano. No membro pélvico direito ocorreu uma fratura no segundo metatarsiano e uma no quarto metatarsiano. No membro pélvico esquerdo ocorreu uma fratura no quarto metatarsiano. Radiografias foram realizadas em todos os membros suspeitos de todos os animais que apresentaram graus variados de claudicação, a fim de se confirmar a fratura. Dezoito dos vinte e quatro animais com fratura foram submetidos ao tratamento cirúrgico, sob anestesia geral inalatória para realização da ostectomia parcial